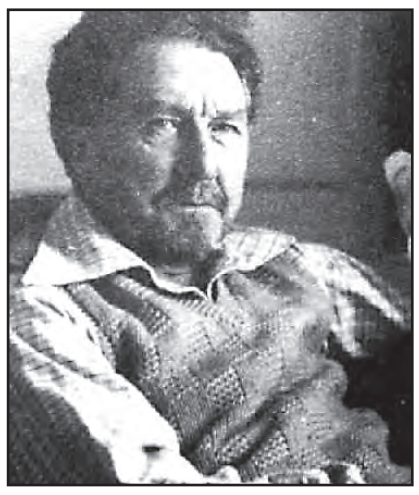
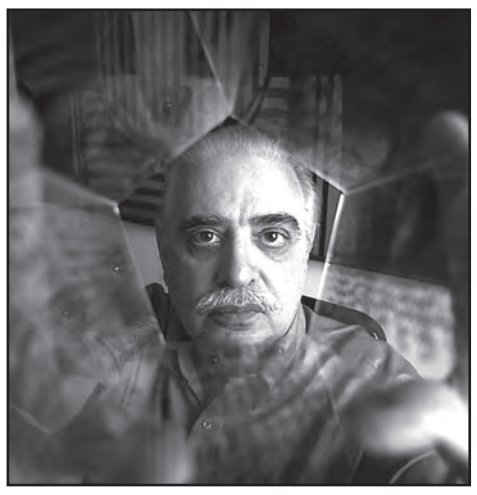
ria se deslocaram para a universidade'



Ezra Pound: segundo Siscar, "os poetas concretistas assumiram tarefa advinda da didática poundiana que é a necessidade de escolher, de indicar os poetas que o iniciante deve ler"



Augusto de Campos: na opinião de Siscar, "a passagem da experiência para a experimentação (sob a batuta da 'invenção') é preocupante, quando passamos a flertar com a lógica quase laboratorial do que quer dizer experimentar"

Ana Cristina Cesar: professor da Unicamp prepara antologia da poeta para editora do Rio

Foto: Antoninho Perri

Quem é

Marcos Siscar é poeta, tradutor e professor do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, onde atualmente coordena a pós-graduação em Teoria e História Literária. Sua tese de doutorado (*Jacques Derrida. Rhétorique et Philosophie*), defendida na Universidade de Paris 8, foi publicada em 1998 (L'Harmattan). Desenvolveu estudos de pós-doutorado sobre Baudelaire e Mallarmé, com a supervisão de Jacques Derrida e Michel Deguy. Tem publicado trabalhos sobre temas relacionados à poesia moderna e contemporânea. Como tradutor, publicou obras de Tristan Corbière (2006), Michel Deguy (Cosac Naify, 2004; Editora da Unicamp, 2010) e Jacques Roubaud (Cosac Naify, 2006). É autor dos livros de poesia *Metade da Arte* (2003), *O Roubo do Silêncio* (2006) e *Interior via Satélite* (2010).

UM POEMA DE SISCAR

A VÊNUS DA MENSAGEM

a caminho de mercúrio a espaçonave *messenger*
sobrevoa a superfície venusiana. que mensagem
levará às margens da consumação pelo sol? o sol
é o que está distante. miramos o distante o sol
exterior a pira cinerária da distância. e nesse trajeto
em que a mensagem se perde. ei-las as galáxias
chave do adiamento em que nos vemos. o aqui e agora
obsoletos há milhares de anos-luz em túmulo cósmico.
o que não está lá é o que aqui nos mantém unidos.
é sua imagem que nos relaciona e aproxima. vácuo
partilhado nosso sol mais próximo essa terra interior.

(de *Interior via Satélite*, Ateliê Editorial, 2010)

que você cita são a santa trindade da poesia brasileira, e não apenas autores importantes do século XX. Isso faz parte do processo de *canonização* artística. Argumento, no livro, que haveria inclusive uma tentação, entre os novos poetas, dos últimos 20 anos, em saltar "por cima" do passado recente imediato e ir buscar nesses grandes nomes uma espécie de lenitivo para um incômodo que não é imediatamente percebido. Existem "continuísmos", é claro, os drummondianos assumidos, os imitadores de Cabral, e por aí vai.

Você fala em "sombra", mas justamente acho que valeria a pena comparar os grandes poetas modernistas como uma espécie de sol cuja força de atração acaba obscurecendo outras dificuldades, que fazem parte das problemáticas subterrâneas da poesia contemporânea. Minha hipótese, sobre essa questão, é que o retorno aos heróis do modernismo brasileiro ajuda a colocar entre parênteses a discussão direta sobre os hábitos teóricos impostos pela vanguarda brasileira, relacionados com a postura poética combativa, e que contrastam com o pluralismo que queremos (não sem contradições) imprimir à nossa época. Como se, ao saltar por cima do passado recente, estivéssemos empurrando alguma coisa para debaixo do tapete. Não é, certamente, a melhor estratégia de responder a um incômodo.

JU – *No capítulo "A cisma da poesia brasileira", são citados e analisados autores que emergiram após a ditadura, entre os quais Cacaso, Francisco Alvim, José Paulo Paes, Sebastião Uchoa Leite, Hilda Hilst, Armando Freitas Filho, Chacal, Ana Cristina Cesar, Paulo Leminski, Arnaldo Antunes e Manoel de Barros. Apesar da heterogeneidade das propostas e da produção desses autores, o sr. não se furtou a relacioná-los e a situá-los, contextualizando as respectivas obras. Quais são as maiores barreiras enfrentadas por quem mapeia e dá congruência à produção contemporânea recente? Por que esse exercício analítico é tão raro?*

Siscar – O mapeamento do contemporâneo não é tão raro, assim como o estudo de obras particulares, que tem hoje espaço muito grande na universidade. Mas certamente a tentativa de explicá-lo nas suas razões profundas é um exercício complexo. Não é por acaso que a modéstia crítica sobre o assunto é de praxe e muitos preferem dizer que não é possível falar sobre o que está *em curso*. É o argumento tradicional para se omitir o contemporâneo. A dificuldade, é claro, existe, mas a recusa de envolver-se nela explica-se provavelmente pelo fato de que o contemporâneo é um espaço onde as questões controversas ainda estão em aberto, não angariam unanimidade, como pode ocorrer mais facilmente com questões do passado. As explicações do presente envolvem, de modo muito mais imediato, interesses, jogos de força, determinadas possibilidades de futuro.

Mas como o que escrevemos, escrevemos em vista do contemporâneo, o sentido do presente não pode ser omitido, mesmo no estudo de um objeto historicamente muito distante. A outra explicação, mais interna ao campo poético, creio que está ligada com a própria ideia da "crise". Ao preferir os grandes quadros que demonstram a falência (o que já se tornou quase que um gênero crítico, por exemplo, na França), ou que descrevem um estágio da história dessa falência, a crítica acaba preterindo o esforço analítico mais entranhado à produção, que poderia se expressar tanto como uma história da poesia quanto como uma crítica de seus padrões e de suas ênfases. Uma das coisas que lamento, no livro, é a ausência de um esforço histórico-crítico minucioso, à altura da complexidade da produção poética brasileira das últimas décadas, que consiga inclusive envolver as problemáticas do modernismo. Uma história da poesia brasileira da segunda metade do século XX é algo que está por ser feito.

JU – *Desses autores, Cacaso, Leminski, Chacal, Hilda Hilst e Arnaldo Antunes, de uma forma ou de outra, incursionaram pela música. Chama também a atenção o fato de o sr. citar, em epígrafes, excerto de canção de Caetano Veloso e trecho de escrito do artista plástico Nuno Ramos, autor de ensaio já clássico sobre Nelson Cavaquinho [Revista* Serrote, *nº 1]. Como o sr. vê esse diálogo entre a poesia e MPB? Essa imbricação é devidamente estudada ou permanece ainda subestimada?*

Siscar – O diálogo, sobretudo com o grau de abrangência com que você o coloca, não tem uma explicação apenas. A primeira coisa a se dizer é que se trata de um diálogo amplo entre duas manifestações que se reconhecem em espectros diferentes da cultura. Autores de MPB, é claro, leem poetas, chegam a musicar poemas; poetas e escritores ouvem MPB, escrevem sobre ela, poetas se tornam letristas; não é frequente, mas ocorre que letras feitas para canção ganhem status de poemas (como é o caso, a meu ver, de textos de Caetano Veloso), e vice-versa. Há algo aí que não deixa de ser uma circunstância brasileira, se considerarmos a força, a qualidade e o prestígio cultural da nossa canção. É um elemento a ser levado em conta.

Por outro lado, estamos longe de um hibridismo generalizado, e o mais importante, de imediato, é tentar imaginar o que ganhamos e o que perdemos ao considerar as duas manifestações como partes de um mesmo fenômeno de cultura. A explicação dessa integração, ou dessa rivalidade produtiva, como tendo a vê-la, dependeria de instrumentos críticos muito mais refinados do que o falatório habitual, do qual resulta, por exemplo, a ideia de que a MPB sucedeu a poesia, no Brasil, ou ainda, mais recentemente, de que a MPB morreu. Alguém poderia dizer que a proximidade com a canção, do ponto de vista da poesia, é apenas um episódio de nossa história literária. Talvez – mas já entraríamos na profecia, novamente – mais do que um episódio, algo que um dia poderíamos chamar de *característica*. Pessoalmente, como disse, prefiro vê-la no campo da rivalidade ou da "emulação" entre as artes: uma estimula a outra, não apenas pelo que têm em comum, já que não fazem parte do mesmo esforço, mas graças a suas diferenças.

Do ponto de vista institucional, não basta reclamar que os departamentos de literatura não aceitam a MPB, o que aliás não é toda a verdade: há décadas os institutos de letras dão espaço para o estudo do texto de cancionistas; há gente especializada nisso, em departamentos de literatura, de linguística, de semiótica. Eu mesmo já fiz trabalhos nesta área, já orientei teses. Não creio, portanto, que a questão possa ser colocada como a de uma exclusão. Por outro lado, talvez falte um conhecimento mais sistemático, que tome em mãos a tarefa de organizar esse diálogo, do ponto de vista das tradições às quais pertencem e que, no caso em questão, talvez modifiquem. Lateralmente, por que não lembrar que faltam no Brasil escolas superiores de música popular, que não seriam apenas escolas de música, mas também de reflexão sobre seu objeto?

JU – *Qual a sua avaliação do ensino de literatura hoje no país?*

Siscar – Tenho muita preocupação com as discussões sobre o assunto, sobretudo em termos de elaboração de currículos, das quais nem sempre participam os profissionais de literatura. Os currículos estão em constante transformação e, ao mesmo tempo que é preciso atualizá-los, não se pode perder de vista o contexto mais geral a que servem. As ênfases na formação de "mão de obra" (no lugar da formação de cidadãos) e nos meios de aprendizagem (em detrimento dos conteúdos específicos), embora tenham razão de ser, a partir de ângulos específicos, tendem a deixar à margem a formação do cidadão, como homem de sua cultura, ainda que cosmopolita. A literatura e a tradição literária não são apenas *mais um* registro da nossa língua, mais uma experiência possível da *leitura*; sua riqueza de elaboração da nossa situação, quer seja de brasileiros ou de humanos, é inestimável, tanto como memória histórica quanto como capacidade ativa de construção de imaginário.

Então, há uma questão de currículo que é fundamental e é preocupante, uma vez que é mediada por amplos projetos pedagógicos e culturais que nem sempre são colocados em discussão. Embora, nas melhores escolas, o ensino da literatura tenha grande vivacidade, incorporando inclusive textos e questões contemporâneas, a situação geral do ensino público é piorada pelo mesmo mal de que sofrem as outras disciplinas, dada a desmobilização ou a desmotivação geral dos professores. Isso tem a ver tanto com a falta de um plano de carreira favorável ao exercício da profissão, o que já está em discussão no Estado de São Paulo, quanto com a necessidade de uma concepção de educação que não se esgote na condição de via de acesso ao trabalho e ao empreendedorismo – o que, é claro, ela não deixa de ser.

JU – *A poesia está em crise?*

Siscar – Esse é o tema do meu livro, que levanta a questão da relação entre poesia "e" crise; não é, obviamente, minha opinião. Interesso-me sobretudo pela análise, como disse, do "discurso da crise" e não da situação da poesia, por ela própria, a meu ver demasiadamente polarizada entre "otimistas" e "pessimistas", geralmente sem levar em consideração as raízes históricas profundas dos fenômenos. Tento mostrar que o *discurso* faz parte da *situação*, por assim dizer, e que, ao fazer parte, também a modifica.

Então, o que se coloca em primeiro plano quando nomeamos o presente é uma espécie de responsabilidade, a necessidade de explicar a coerência histórica e teórica de nossas proposições. Mas, para não deixar a pergunta sem resposta, posso dizer que continuo lendo poesia com grande interesse e acho que as décadas recentes nos deixaram vários autores relevantes, sobre os quais ainda há muito a dizer. Você citou alguns deles, há pouco. Para enfatizar apenas um desses nomes, estou preparando agora, para uma editora do Rio, uma antologia de Ana Cristina Cesar, que é uma poeta, morta nos anos 80, que tem despertado paixões. Com o tempo, provavelmente perceberemos melhor os processos de canonização que estão em curso, como o que ocorre atualmente com a obra de Haroldo de Campos. Posso dizer que continuo lendo poesia com grande prazer. Como também sou poeta, percebo que os desafios contemporâneos são grandes, mas que não me cabe senão enfrentá-los.

Serviço

Obra: Poesia e Crise
Autor: Marcos Siscar
Páginas: 360
Editora da Unicamp
Preço: R$ 60,00
Lançamento: 29 de março, às 11 horas, na Livraria do IEL